

✓ WALTER MEYER
Caixa Postal, 231



Blumenau *em Cadernos*

TOMO IX ★ — AGOSTO DE 1968 — ★ — Nº. 8

PRODUTOS DE BLUMENAU

A PROCEDÊNCIA

GARANTE A MELHOR

QUALIDADE

PERFUMARIAS — MEDICAMENTOS

PROCURE

S U A F A R M A

A MAIS TRADICIONAL

—  —
LAQUÊ BLUMEN

O fixador perfeito para o seu cabelo

Blumenau em Cadernos

TOMO IX ★ — AGOSTO DE 1968 — ★ — N.º 8

A viagem do Presidente da Província ao Rio Itajaí

Joaquim M. Caminhoá

(Médico da Marinha e destacado botânico)

Por nímia gentileza do nosso colaborador Ayres Gevaerd, de Brusque, podemos transcrever, abaixo, o que o Dr. Caminhoá publicou no "O Progressista", de Destêrro, em 2 de agosto de 1860, relativo à viagem do Dr. Araújo Brusque a Itajaí. A êsse respeito, "Blumenau em Cadernos" já publicou um artigo de Carlos da Costa Pereira à páginas 193 e seguintes do n.º 10 do Tomo VII, onde são transcritos vários trechos da narração que se segue:

Era o alvorecer do dia 24 de Julho. O céu poético de Santa Catarina achava-se nublado e o mar se movia fortemente, soprado por uma viração fresca do sul. Tudo anunciava um dia feio. Do cais partiam escaleres para bordo da "Belmonte", que se movia elegante e vaidosa, como uma francesa, e deixava se desprenderem de seu tubo densas espirais de fumo, que levadas pelo vento, se transformavam em figuras extravagantes e se confundiam com as nuvens. Um dos escaleres trazia a seu bordo S. Excia. o sr. Presidente e algumas outras pessoas que chegaram, depois de se haverem embarcado cêrca de 60 colonos.

Pouco depois já se via a linda esteira espumosa que ficava após a linha que sulcava o navio, e gradual e insensivelmente o céu se mostrou lindo e azul, e o sol risonho da América do Sul dardejou seus raios quentes sôbre a linda ilha de Santa Catarina. Qual era o destino da "Belmonte" com os colonos que seguiam em companhia de S. Excia., do sr. Capitão do Porto, do sr. Major Alvim, do sr. Barão de Schnéeburg e de várias outras pessoas gradas? Talvez que perfeitamente o saibais! Era para uma romagem que nós partiamos. O destino era para Itajaí.

Sempre com as montanhas à vista, ora altivas e toucadas de alvacenta neblina; ora quase a lamberem as verdes águas do oceano, chegamos à barra daquele rio, que é sem dúvida de temer-se, porque, além de sua estreiteza, ocorre que do lado direito de quem entra, há um banco de areia da esquerda de uma laje perigosíssima; é sobretudo perigosa para os grandes navios porque tem a forma de um grande S. A princípio, dúvidas se levantaram-se a "Belmonte"

poderia ou não franquear a barra; opiniões apareceram duvidosas, mas o prático da barra que nos veio ao encontro, apenas exigiu que o navio governasse bem, o que se lhe asseverou. Com efeito, entramos, admirando a cada passo como podia um navio tão comprido obedecer tão depressa a vontade do leme. Eis-nos em frente à pequena vila de Itajaí, que fica por detrás da longa ponta de areia que termina na barra. Demoramo-nos algum tempo, e o sr. Major Alvim foi à terra dar providência a fim de que se preparasse o mister para hospedagem de S. Excia.; entretanto seguiu a "Belmonte" com S. Excia. para a barra do Itajaí-mirim onde estava situado um armazém próprio para pouso provisório dos colonos, que muito satisfeitos, quer pelo bom agasalho, quer pela bondade com que o comandante do vapor e seus oficiais tratavam os seus filhinhos, a cada passo davam graças a Deus por terem seguido o destino para o Brasil. Aí descarregou-se a bagagem e desembarcaram colonos que seguiriam depois para o local da nova colônia. Foi naquele sítio lindo que houve lugar um dos interessantes episódios da viagem. O sr. Barão de Schnéburg, diretor da colônia que ia ser fundada, pediu a S. Excia. para dar o nome de "Colônia Brusque", visto ter o sr. Ministro mandado dizer ao sr. Presidente para pôr o nome que lhe aprouvesse. S. Excia., recusou-se a isso; e enquanto esse diálogo tinha lugar na Câmara, os oficiais da "Belmonte", o sr. capitão do porto e outras pessoas combinavam entre si para pedirem mesmo ao sr. Presidente, que de novo não quis aceitar, visto como êle era o fundador.

Eram quatro horas da tarde; foi servido o jantar, e como era natural, além do bom apetite com que se achavam todos (e eu que o diga), havia uma alegriageral. Houve um dos oficiais que lembrou-se de requerer que ali se realizasse a cerimônia do batismo da nova colônia, para o que o Dr. Caminhoá foi nomeado orador. Apareceu então uma garrafa de bom vinho "Constanza", que talvez por escondida demais, não tinha sido ainda vítima do bom gosto. Aquele senhor proferiu pouco mais ou menos a seguinte alocução: Senhoras. A "Belmonte" parece que foi fadada para comissões da mais alta importância. Além de ser ela preparada para os trabalhos de guerra, para defender a Pátria, no curto espaço de dois anos tem sido sempre testemunha de cenas de entusiasmo. Há poucos meses ela fez parte da esquadra que acompanhou SS. Magestades Imperiais ao Norte, e agora é portadora de um núcleo de felicidades para o nosso abençoado Brasil. O ato que ocupa nossas atenções é do mais subido alcance para o brasileiro que compreender verdadeiramente as necessidades do seu País. A colonização do Brasil deve ser uma palavra sacrossanta. Eu, que sou filho do Norte, onde desgraçadamente ainda corre em grande escala o suor da africano escravo para regar a planta que, longe de medrar, definha pelo calor das quentes bagas desprendidas dos olhos daquêles que embora maquinalmente movem os braços, sua cabeça e seu coração estão sempre transportados para as quentes areias e para as palmeiras dos desertos africanos, bendigo sempre aqueles que trocam o efeito do azorrague pelo trabalho livre do colono europeu. Bendigo ainda mais aqueles que escolhem alemães para povoar nossas matas, para substituírem as tabas dos selvagens pelas cidades florescentes, povoadas por homens que sabem verdadeiramente apreciar o lar doméstico e apesar das necessidades que sofrem, sabem entoar um cântico de devoção à Deus pela prosperidade do torrão em que nascerão seus filhos.

Se, pois, merece tanto aquele que não descuida dos pequenos interesses locais e cuja vista tem alcance mais amplo, se o fundador da colônia merece o nome bem cabido de benemérito, o sr. Araújo Brusque é um dêles. Permita-

me S. Excia., com quem tenho a honra de há mais tempo entreter amizade, que lhe diga que, nós desejamos, e que mesmo exigimos de S. Excia. que a nova colônia que será agora fundada, se chame "Colônia Brusque". Bem sei que já foi recusado ao sr. Barão de Schnéeburg êste pedido, talvez por ser S. Excia. por demais escrupuloso; mas desaparecerão imediatamente êsses escrúpulos quando V. Excia. se lembrar que o nome Brusque não pertence mais a V. Excia., porque o nome público pertence ao seu País, e porque o nome Brusque pertence aos filhos, à família de V. Excia. O País e os descendentes de V. Excia. terão orgulho um dia, quando com o correr dos tempos, progredir esta colônia, que sempre que fôr pronunciado seu nome despertará mais viva a lembrança de seu fundador E tão mais nobre e grandioso o país, quanto maior número de homens notáveis se acham escritos nas páginas de sua história".

Seguiu-se depois "a saúde" da prosperidade da colônia e de seu fundador. S. Excia. esqueceu-se ainda. Pedimos-lhe então que nomeasse outra pessoa para dar o nome; e o sr. Major Alvim foi o encarregado, acedendo aos nossos bons desejos. (Esta notícia, até aqui foi publicada no jornal "O Progressista", do Destêrro, de 2 de agosto de 1860. A parte que se segue foi publicada em "O Argos", de 7 do referido mês.)

Continuação das Descrições da Viagem de S. Excia. o sr. Presidente, ao Itajaí: Voltamos depois para a vila de Itajaí, onde S. Excia. pernoitou em casa de particular, muito cavalheiro. A vila é lindinha, mas é bastante pequena e pouco populosa; mas quando á noite, a lua, como uma sultana vaidosa se mirava no espelho cristalino do rio Itajaí, ela tornava-se como uma camponeza pequena e singela em seu trajar. Ainda mais fazia sobressair a poesia que poderia inspirar qualquer coração duro, os sons melodiosos de uma flauta, quebrando a mudez da noite e semelhante o gorgear triste do sabiá prusado sôbre os leques das palmeiras americanas. Na seguinte manhã fomos com S. Excia. visitar os colonos recém-vindos, que nos receberam com o maior entusiasmo. A officialidade da "Belmonte" com o sr. Barão de Schnéeburg montaram a cavalo e durante o trânsito admirávamos quer a beleza vegetativa, quer as pequenas, quer as magníficas obras de Deus. Assim admiramos os três reinos: a planta, o mineral e a mulher. Houve corridas: cada um queria mostrar que o ginete que cavalgava era um Marengo ou um Rocinante. De volta S. Excia. resolveu fazer uma viagem até a colônia Blumenau. De feito, seguimos no dia imediato. O rio é lindíssimo e bastante fundo para poder dar nado a qualquer navio do calado da "Belmonte" ou mesmo de maior calado; suas margens muito populadas. Além de uma variada e florida vegetação, um número extraordinário de colonos belgas e alemães tem cultivado bastante extensão. De espaço em espaço ouvia-se o cantar das arapongas e de outras aves cujo cantar semelha-se bem a uma Hêni da tapuia que viu seu marido sem seus manitos lançado à fogueira e que ela perdeu para sempre. Ora flechais extensíssimos com suas plumas soberbas agitando-se ao sôpro da viração que encrespava a face espelhada do rio. Ora os timbós emaranhados e floridos, que tanto embelezam nossas matas virgens. Chegamos até um lugar denominado Luiz Alves, além do qual o práctico se arreceiou levar o navio. Dai seguimos em escaleres. Durante o trajeto S. Excia. foi sempre cumprimentado por "hurras" de todos os lados. Tiros por tôda parte. Continuamos na seguinte manhã para a colônia Blumenau, antes do que chegamos a casa de um fazendeiro abastado, o sr. Flôres, que igualmente ofereceu-nos seus préstimos e obsequiou-nos. Continuamos nossa viagem, sempre encontrando pela prôa um monte obscuro e antipático, após o qual se dizia estar a colônia para

onde fomos. Finalmente, anoiteceu e fomos obrigados a chegar à casa de um alemão, velho colono que nos obsequiou muito. Sentimos não saber seu cognome; o primeiro nome é Frederico. Houve à noite um belo jôgo de palavras por causa das camas que se faziam por tôda parte. S. Excia. se entreteve com o comandante e os oficiais em fazerem barracas para os marinheiros dormirem, mas êles olhavam mais atenciosamente para o alambique de onde saía um aroma que os inebriava. Na seguinte manhã seguimos para a colônia Blumenau, aonde chegamos às 8 horas da manhã. O apetite foi imenso. Houve até quem se julgasse sotrendo de cancos do estômago. Fomos recebidos por uma comissão. Passamos aí belamente um dia, durante o qual S. Excia. ocupou-se em informar-se acêrca dos negócios da colônia e em visitá-la. O sr Dr. Blumenau é cavalheiro e sobremaneira digno da estima dos brasileiros; porque apesar de milhares de dificuldades com que tem lutado tem sempre e constantemente feito progredir a colônia, que apesar de não mostrar a exterioridade de muito adiantamento material, contudo exporta já considerável quantidade de gêneros. Por tôda parte ouvimos histórias de combates de colonos contra os bugres, e cada um novo sujeito daqueles era um novo caramuru. Apreciamos sobretudo o bom professor da colônia, que, procedendo exames aos discípulos, nada deixou a desejar-se. O pobre doutor teve que sustentar três teses: uma sôbre febre amarela, outra sôbre homeopatia e outra sôbre filologia que interessaram muito aos circunstantes, mas êle concluiu que não perdoava aos alemães terem mulheres do gênero neutro "Das Fräulein". Deus permita que não continuem fatos de morte dos pobres americanos selvagens. Felizmente hoje acham-se distribuidos destacamentos. Chegados que fomos a bordo, tivemos a infausta notícia de que haviam naufragado em um canoa 4 pobres marinheiros que haviam ido para terra com licença; e depois de haverem comprado cana, melão, etc atravessaram o rio que, por muito caudaloso, levou os pobres, que, por falta de prática de andarem em canoas, talvez perdessem o equilíbrio. Uma mulher deu a notícia aos oficiais que procuravam os intelizes. Voltamos 24 horas depois, indo S. Excia. visitar a enseada de Porto Belo, principalmente a Caixa d'aço, que tinha tanto aço quanto ouro eu na algibeira.

Aqui chegamos com 4 horas e meia de viagem, abatendo-se 10 minutos que gastou-se com a visita á enseada. Deus proteja a Colônia Brusque, como as demais . . . e permite. Êle que as prouvincias do Norte possam um dia, como as do Sul, curadas da gangrena que lhes incula a escravidão africana, contar centenaes de colonias e ver a sua vasta supesficie de matas virgens, as margens de seus rios gigantes, cobertos de floreocentes cidades.

Em 1896 foi criada uma Estação Agronômica em Rio dos Cedros (hoje município) que tinha um orçamento de 7 contos de réis. Era seu diretor o Dr. Giovanni Rossi, conhecido socialista que, expondo as suas idéias ao Dr. Cunha, atraiu-o para a sua causa, pelo menos para ajudá-lo a conseguir o pôsto. Antes que a estação começasse a dar os esperados resultados, foi transferida para outro município e a iniciativa resultou em nada.

As minas de chumbo do Ribeirão da Prata

Nas cabeceiras do Ribeirão da Prata, afluente do Ribeirão Garcia, ao sul do município de Blumenau, zona ainda hoje coberta de densas florestas primitivas, bastante perlustradas por caçadores e cortadores de palmitos, situam-se as chamadas Minas de Prata que já foram objeto de exploração. Esta, como afirmam profissionais competentes, "constitui o empreendimento mineiro de maior vulto em todo o Vale do Itajaí".

Poucos blumenauenses conhecem o local e muito menos o histórico dessa mina que, de prata, não tem nada, ou quase nada. Trata-se de minério de chumbo, de cobre e de outros metais, inclusive ouro, em quantidades mínimas.

O professor Rodolfo Hollenweger, de quem guardamos saudosa memória, descrevendo o Vale do Garcia, num artigo que escreveu para "Mitteilung", em fevereiro de 1916, fala-nos da exploração de ouro nesse Vale e nos conta um fato que não sabemos em que fonte êle o foi buscar, porém que nos merece alguma fé, dada a confiança de que o citado professor era merecedor.

Êsse fato refere-se a um inglês que, por volta de 1830, andou procurando ouro nas cabeceiras do Garcia e de fato ali encontrou o precioso metal. Tinham vindo, em sua companhia, alguns batedores entendidos e um negro escravo, rapaz de uns 15 anos de idade, que o inglês comprara num mercado de cativos, no Rio de Janeiro. Os indígenas, de que as matas das cabeceiras do Garcia estavam infestadas, começaram a hostilizar os mineradores. Tiveram que recuar até Garuba, onde encontraram pedras que confinham prata. Mas os bugres acabaram por afugentá-los completamente da região, depois de os terem assaltado, ferindo alguns. Entretanto, o inglês havia plantado, próximo às minas, alguns pés de laranjas e marmeleiros.

Quarenta anos depois, o negro escravo, tendo servido lealmente o seu senhor até a morte dêste e conseguindo a sua alforria, voltou às minas de prata, onde construiu um rancho de palmitos. Em redor dêste, plantou outras árvores frutíferas, como bananeiras, etc. e, de quando em quando, voltava do trabalho com um dedal cheio de pepitas de ouro. Mais tarde, o negro vendeu a sua posse a outros que também não duraram muito tempo por ali. As "minas", então, ficaram abandonadas por muitos anos.

Essa a versão dada pelo professor Hollenweger.

O que se pode assegurar é que, na década de 70, o Capitão de Mato, Frederico Deeke, comandante do grupo de batedores, encarregado da proteção da Colônia contra os assaltos dos indígenas, numa das suas incursões pelas florestas das cabeceiras do Garcia, descobriu vestígios de minério que julgou de prata, nas encostas dos morros que são parte das fraldas da Serra do Itajaí. Essa descoberta despertou muitos projetos e ambições. Mas, não passou disso. E as matas do Garcia continuaram, ainda por muitos anos, no seu primitivo abandono, morada de teras e de índios. Terras muito acidentadas, impróprias para a cultura, não despertavam a cobiça dos colonizadores que as aproveitavam, apenas, como fonte fornecedora de madeira para os engenhos próximos, de palmitos para a cozinha dos moradores da cidade e para as pequenas fábricas de conservas.

Até que, por volta de 1896, uma sociedade de argentinos e espanhóis, requereu e obteve uma concessão de 3.000 hectares na região, fê-la medir e demarcar, propondo-se a explorar o minério já então mandado analisar. Essa firma, sob a razão de Cortada & Cia, deu os primeiros passos para a instalação da maquinaria necessária. Entretanto, os trabalhos de prospecção das minas



Um belo apanhado do que foram as primeiras instalações das Minas de Chumbo do Garcia, com os ranchos onde o minério era fundido, depois de lavado em águas do Ribirão da Prata. Como se vê, embora as instalações fossem grosseiras, foi grande o capital empregado e não menores os esforços empregados na realização da empresa. Infelizmente, a iniciativa morreu exatamente por falta de maiores recursos.

resultaram na conclusão de que a exploração do minério seria muito problemática em seus resultados econômicos, dada a reduzida capacidade das jazidas. Os empresários, desanimados ante essa evidência e, ainda mais, diante da retratação dos financiadores, acabaram abandonando a idéia.

Mas, o propósito de fazer com que a riqueza mineral da região viesse, também, contribuir para o progresso do Município, numa época em que, por toda a parte, reinava uma ânsia de desenvolvimento em todos os ramos de atividades, continuava a preocupar a mente de alguns blumenauenses, entre os quais a do Cônsul Otto Rohkohl, tanto mais quando haviam sido descobertos novos depósitos de minério, ribeirão mais acima.

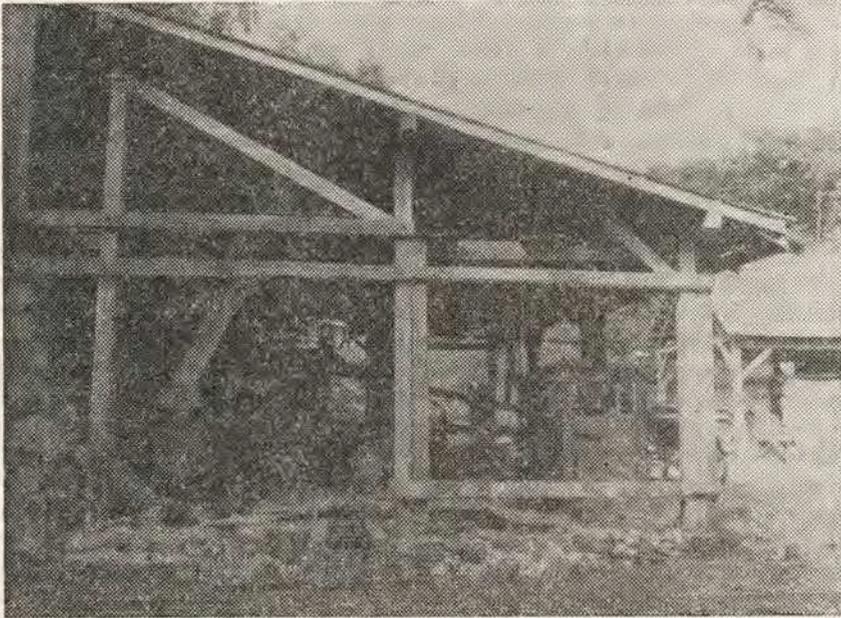
Otto Rohkohl que, como primeiro diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina e à frente de outros empreendimentos regionais, vinha prestando grandes serviços ao município, adquiriu as terras do Ribeirão da Prata e providenciou nova prospecção das jazidas e novos exames do minério. Dêstes últimos, participou o engenheiro de minas, Pedro Hermann, único filho homem do Dr. Hermann Blumenau. Conservava o arquivo Histórico, destruído por um incêndio em 1958, duas cartas dêsse engenheiro, dirigidas ao Sr. Victor Gärtner, datadas de junho e outubro de 1913. Na primeira delas, o filho do fundador acusava o recebimento de amostras do minério, mas lamentava ter que contrariar as esperanças do remetente, pois as amostras comprovavam tratar-se de quartzito com aspersões de cascalho sulfuroso. Na segunda carta, o Dr. Pedro Blumenau comunicava que o Sr. Otto Rohkohl o havia visitado e conversado com êle sôbre as ocorrências mineralógicas no Garcia, havendo-lhe dito que havia entrado em contato com muitos interessados e fazendo votos que os seus esforços na Alemanha fôsem coroados de êxito. Adiantava mais que faria o que pudesse, para auxiliar o Sr. Rohkohl, aconselhando-o na medida do possível e que, depois de examinar os minérios e planos para o seu aproveitamento, poderia concluir se os citados dados seriam bastantes para se chegar a um critério seguro, ou se seria necessária a sua vinda a Blumenau para examinar, in loco, a situação e o aproveitamento do material.

Realmente, na viagem que, em 1911, empreendera a Alemanha, o Sr. Otto Rohkohl empenhou-se, não apenas em mandar analisar as amostras, que levara, como a interessar capitais que pudessem ser investidos no empreendimento. Nessa oportunidade acertou a ida, a Blumenau, do Dr. Pedro Hermann, que efetivamente aqui esteve e realizou os estudos técnicos dos quais resultou a possibilidade de aproveitamento industrial do minério, em vista da riqueza das jazidas. Verificou-se que o material examinado continha boa percentagem de chumbo, além de prata, cobre, zinco e enxofre.

Em vista disso, deu-se comêço aos trabalhos de exploração e aproveitamento do minério. Foram cavados três túneis na rocha, perseguindo os veios mais ricos, construíram-se depósitos para o material bruto, moinho e pequeno forno para a fundição. Novas prospecções e medições dos terrenos fôram feitas pelo engenheiro Hugo von Moers. Um engenheiro alemão, o Sr. Kerschbaumer, que trabalhara nas colônias germânicas do Sudoeste Africano, também já havia realizado outras prospecções das minas, trabalho muito dificultado pela irregularidade do terreno e pelas enormes e densas florestas que o cobriam e o cobrem ainda. Igualmente trabalhou no levantamento da Mina e na avaliação de sua capacidade, o geólogo Dr. Heinrich Lotz, que para cá viera durante a primeira grande guerra, o qual atestou tratar-se de veios de quartzo de cêrca de 40 metros de largura, por uma profundidade de 50 qui-

lômetros, mais ou menos, rico em substâncias metálicas.

Já em 11 de janeiro de 1913, anteriormente, portanto, às providências acima mencionadas, o Sr. Otto Rohkohl requereu autorização à Câmara Municipal para a construção de uma linha aérea em que, por meio de cabos de arame estendidos sobre postes, e por caçambas dêles suspensas, se fizesse o transporte do minério bruto desde a mina até o pôrto de Blumenau. Essa providência, apesar de autorizada pela Câmara, nunca foi posta em prática e



Parte das instalações das Minas de Chumbo do Garcia.

a sua idéia foi logo abandonada em vista do vultoso custo em que importaria, resolvendo-se o beneficiamento do minério no próprio local das jazidas.

O Sr. Rohkohl procurou interessar grandes firmas alemãs no empreendimento. Assim é que, depois da primeira guerra mundial, a grande empresa alemã de mineração, Hugo Stines, mandou para cá o seu engenheiro de minas, Dr. Vogel que procedeu a novos estudos a respeito da qualidade do minério e do seu aproveitamento industrial. O seu relatório nunca foi dado a conhecer, mas o fato é que o mesmo Dr. Vogel resolveu permanecer em Blumenau, construindo residência própria no Bairro do Garcia, nas proximidades da rua Engenheiro Odebrecht.

É desse Dr. Vogel que provém o nome do Ribeirão que, nascendo nas encostas dos morros da margem direita do Ribeirão Garcia, atravessa as terras que foram do mesmo Dr. Vogel e desagua neste último ribeirão.

Aconteceu, porém, que pouco depois, a firma Hugo Stines, em virtude da grande crise por que passou toda a indústria carvoeira da Europa, foi à falência, morrendo o seu chefe e o seu homem de confiança aqui, o Dr. Vogel, algum tempo após àquele desastre, veio igualmente a falecer de desgosto e depressão.

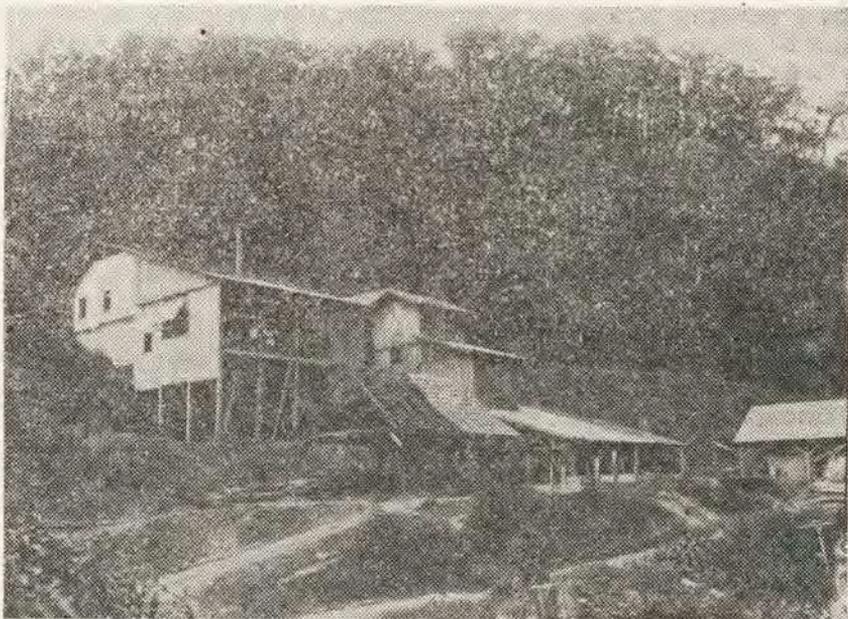
Continuaram-se, entretanto, os serviços preparatórios para a exploração industrial do minério, agora sob a direção dos Srs. Kirschbaumer e Otto Schlem, éste último como gerente comercial, chegando-se mesmo a conseguir

a tundição do chumbo comerciável, transformado em barras.

Mas, ao mesmo tempo que, a custo de enormes sacrifícios pessoais e grandes somas de dinheiro, iam se conseguindo êsses pequenos resultados satisfatórios, acentuava-se a realidade de que só mesmo um grande empreendimento, dispondo de grandes capitais para a compra e instalação de maquinaria especializada, poderia tornar a empresa economicamente lucrativa. Realmente, a aparelhagem que havia sido montada, mal servia para o aproveitamento do minério de chumbo, perdendo-se, na escória, todo o restante teor de cobre, zinco, enxofre e prata. Chegou-se à conclusão de que o que se punha fora com os resíduos da fusão do chumbo, era muito mais valioso do que este último produto.

Tendo que cuidar de outros empreendimentos em que se envolvera, como na direção da Empresa de Força e Luz Santa Catarina, o Sr. Otto Rohkohl desinteressou-se da mineração e as Minas de Prata do Garcia foram legadas ao abandono. O Sr. Otto Schlemm que havia construído uma suntuosa residência, no próprio local das minas, deixou-a e transferiu-se para Joinville.

Aos poucos, tudo quanto ali se havia feito com tanto trabalho e grandes dispêndios de dinheiro foi desaparecendo, ou furtado por estranhos, ou consumido pelo tempo. Hoje, apenas aparecem vestígios do que ali se fêz



Instalações da Mina de Chumbo do Garcia. Eram construções fôscas, mas serviram para os trabalhos e do que ali se produziu. Escória de material tundiado aparece entre pedaços de rocha vejada de minerais, reverberando ao sol, em montes de cascalho extraído dos vários túneis, cujas aberturas, na rocha viva, vão sendo encobertas pela capoeira e pelos fetos que crescem, exuberantes, escondendo os derradeiros sinais de uma empresa que poderia ter sido de inestimável impulso ao progresso e ao enriquecimento da nossa comuna.

É possível que, um dia ainda, ela venha a despertar o interesse de alguma firma poderosa que, com o aproveitamento dos vários metais de que se compõe o minério venha aumentar o nosso parque industrial com um empreendimento de grande oportunidade para a economia nacional.

Indaial e a Revolução de 1893

No ano de 1894, no dia 29 de maio, pelas dez horas da manhã, a Câmara Municipal de Indaial reúne-se, com apenas três vereadores presentes, incluindo o seu presidente, Leopoldo Hoeschl. O fato, assim contado, nada tinha de extraordinário. A Câmara de Indaial reunira-se muitas vezes, desde a criação do Município. Mas, o que havia de extraordinário no acontecimento e que tornou a data memorável nos fastos indaialenses era que aquela reunião punha fim à autonomia administrativa e política do município que havia sido criado no ano anterior. Vamos contar como as coisas aconteceram. Indaial, com toda a região banhada pelo rio Benedito, seus afluentes e confluente, pelo rio Itajaí Açu, desde a confluência do Ribeirão do Encano até Serra acima, fôra elevado à categoria de distrito de Paz a 4 de setembro de 1886, três anos, portanto, depois da instalação do Município de Blumenau, do qual ficou fazendo parte integrante como seu 3.º distrito, de vez que o 1.º era o da própria sede de Blumenau e o 2.º, o de Gaspar. E Indaial tornou-se um distrito bem importante, não apenas pela sua extensão territorial como pela sua população e pelo seu volume de produção. Aconteceu que, sete anos depois da elevação de Indaial à categoria de distrito de paz, estourou a revolução de 1893. O Estado de Santa Catarina, então governado pelo tenente Joaquim Machado, era contrário ao Marechal Floriano Peixoto e à sua política, tendo aderido ao movimento federalista, irrompido no Rio Grande do Sul. Mas sucedia, também, que vários municípios não concordavam com a atividade assumida pelo governo do Estado e rebelaram-se abertamente, hostilizando-o por todas as formas. E Blumenau se pôs à frente desse movimento de rebeldia, juntamente com Tijucas, Brusque e outros. Esses municípios passaram a defender, ostensiva e arrogantemente, a política do Marechal Floriano Peixoto. Hercílio Luz que, na ocasião, era o engenheiro-chefe da Comissão de Terras e Colonização, sediada em Blumenau, tornou-se o chefe incontestado do movimento. Homem ativo e, sobretudo, corajoso e afoito, enérgico e, às vezes, violento, conseguiu impôr-se como o verdadeiro líder da situação. Prestigiado pelas autoridades municipais, pelo Intendente, que era então o médico Dr. Bonifácio Cunha e pelo Conselho de Intendência, Hercílio Luz conseguiu fazer com que a Câmara Municipal o aclamasse governador do Estado de Santa Catarina. Armado desse título, formou um batalhão de voluntários e, com estes marchou sobre a capital do Estado, que ainda se chamava Destêrro e depôs, pelas armas, o governador em exercício, Coronel Eliseu Guilherme, visto como o Tenente Machado fôra afastado do cargo pelo Tribunal de Justiça, que o processara por desrespeito à Constituição Federal. Em virtude dos sucessos que deram causa a toda essa confusão política e por ter o governo perdido, escandalosamente, as eleições que haviam se processado naquele ano, aconteceu o que, mais tarde, em 1934, se repetiria; a Assembléia Legislativa Estadual desmembrou o Município de Blumenau, deixando-o quase sem território algum. O distrito de Gaspar foi anexado ao município de Itajaí e o distrito de Indaial foi elevado à categoria de Município. Blumenau ficou com uma área pouco maior do que a que tem atualmente. O presidente do Estado nomeou o Sr. Leopoldo Hoeschl para presidente do Conselho de Intendência do novo município, o Sr. Aquiles von Gilsa para secretário e para Conselheiros Eugênio Kleine, Pedro Antônio Martins, Henrique Reuter, Germano Heidorn e Jorge Wamser. Esse conselho se reuniu no dia 20 de novembro de 1893 e instalou,

solenemente o nôvo município. O Conselho de Intendência, naturalmente confiado pouco na estabilidade de um ato, originado de simples vingança política, ficou em expectativa e só voltou a reunir-se a 12 de março do ano seguinte, quando nomeou Guilherme Gebhardt para o cargo de fiscal da Vila, despachou vários requerimentos e atendeu a um vasto expediente, dentre o qual uma carta do Pastor Hermann Faulhaber na qual êste oferecia publicar, gratuitamente, o expediente do Conselho de Intendência do novo município, no seu jornal "Der Urwaldsbote", que iniciara a sua publicação em Julho do ano anterior. A oito de abril, realizaram-se as eleições para intendentess municipais, (equivalentes aos atuais vereadores) que substituíram os anteriormente nomeados pelo-presidente da Província. Êstes foram quase todos eleitos e mais Joaquim Gretter, Aleixo Frainer e Albano Giampiccolo. Na sessão de 30 de abril, foram nomeados, definitivamente: Guilherme Gebhardt para secretário, Augusto Keunecke para procurador e Henrique Reuter para fiscal, além de mais de duas dezenas de outros cidadãos para Inspectores de Caminho no interior do Município. Infelizmente, duraria pouco a alegria dos indaialenses pelo seu novo município. A revolução terminara com a vitória do Marechal Floriano. Viera governar o Estado, como interventor federal, o tristemente célebre Moreira Cezar, que decretou o restabelecimento da Constituição de 1891 e a anulação de todos os atos do governo deposto. E a lei que criara o Município de Indaial também foi por águas abaixo. A notícia desse fato estourou, como uma bomba, entre os indaialenses. Leopoldo Hoeschl, reuniu a Câmara que tomou conhecimento do sucedido e de um officio da Câmara de Blumenau em que esta, comunicando a Indaial o seu retorno à condição de seu 3º distrito de Paz, exigia que logo fosse enviada a prestação de contas dos atos e despesas praticadas pela Câmara que fôra dissolvida. Mas a Câmara de Indaial nega-se a cumprir a ordem, afirmando, em officio, ao presidente da Câmara de Blumenau: "vós não estais incumbido nem autorizado a semelhante pretensão". Mas, veio ordem expressa do governo do Estado e a Câmara de Indaial não teve outro remédio que dissolver-se e entregar a Blumenau todo o seu arquivo. Não ficaram, porém, ressentimentos. O episódio, consequência de lutas políticas, não chegara a afetar as fraternais relações entre indaialenses e blumenauenses que sempre, como irmãos e amigos, continuaram e continuam trabalhando pela felicidade da nossa terra e da nossa gente.

Em dezembro de 1913, o jornal "Blumenauer Zeitung", de Blumenau, publicava esta notícia: "Em novembro deste ano, passaram pelo Rio do Sul 630 animais de carga, acompanhados de 164 pessoas. Vieram 20 cargueiros de civa-mate (cerca de 120 arrobas), da serra; gado de corte vieram só 316 cabeças e 37 cavalos. Na semana passada, um tropeiro da serra trouxe uma quantidade de rês de corte que ofereceu por preço muito alto. Não o tendo conseguido, regressou com o gado. Não encontrou quem pagasse por cabeça 100 a 120\$000 (NCr\$ 0,10 a 12). Se a coisa continuar assim, vamos ter logo que comer carne bem mais cara".

NATUREZA ESPLLENDETE

Em nossa edição anterior, fizemos referências ao Horto Botânico em que serão transformados os terrenos que, por morte de Da. Edite Gaertner, passaram para o domínio da cidade de Blumenau.

Constituem-se eles num recanto maravilhoso, coberto de densa mata, com árvores das mais variadas espécies e famílias,



algumas muito raras, como a Gyngko Biloba e algumas palmeiras exóticas, outras bem anosas, plantadas ainda pelo Dr. Hermann Blumenau, fundador da cidade.

Esse parque, juntamente com algumas obras que lhe estão sendo acrescentadas, constituirá uma verdadeira lição de história da nossa comuna. Ele dará uma idéia bem aproximada do que foi, nos começos da colonização, a floresta que cobria o território banhado pelo grande Itajaí e seus afluentes. Floresta opulenta, rica de essências vegetais úteis, dos mais variados espécimes de epífitas, de orquídeas, e bromélias de florescência curiosa, de liames de tôda sorte pelos quais as trepadeiras conseguiam

alcançar alturas incríveis para espriarem, ao sol aconchegante dos magníficos dias blumenauenses, os panículos multicoloridos das flôres.

Uma réplica de um dos primeiros ranchos de palmitos, moradia primeira do imigrante, constituirá outra atração. Rodeado de árvores seculares e de velhos palmitos, em cujos frutos negros e abundantes os sabiás pretos, vermelhos e de coleira vêm saciar o seu eterno apetite, em banquetes ruidosos e nem sempre pacíficos, esse rancho concretizará uma maravilhosa lição da história blumenauense, da história dos sofrimentos, das angústias, das renúncias, dos suores e das lágrimas com que o colono pavimentou os caminhos da nossa riqueza e do nosso desenvolvimento.

REMINISCÊNCIAS

H. P. ZIMMERMANN

Viviam em Gaspar, no tempo de minha juventude, algumas pessoas idosas que mantinham relações de amizade com os meus avós e com êles sempre se reuniam sob qualquer pretexto. Nessas ocasiões costumavam discutir cousas do passado, fatos relacionados com o povoamento da região, a vida dos primeiros moradores, os acontecimentos marcantes e mil e uma cousas mais. Por vêzes nessas conversas surgiam discussões calorosas, em que uns defendiam um ponto de vista do qual outros discordavam. Eu, ainda menino, gostava de assistir a essas reuniões, porque nelas ouvia muita cousa interessante para a minha mentalidade infantil que, como costuma ser com tôdas as mentalidades infantís, sempre procurava conhecer aventuras que davam asas à fantasia.

Minha avó materna contava em sua roda de amizades com três velhinhas já bastante avançadas em idade, porém, de grande vivacidade de espírito e de muita boa memória. Sabiam elas relatar as cousas nos mínimos detalhes, lembravam com exatidão datas e nomes. Seriam elas preciosas fontes de informações, se alguém interessado em fixar fatos históricos lhes tomasse o testemunho vivo. Quanto a mim, naquela época ainda não sabia o que significa "História", por isso apenas escutava e povoava a minha mente com muitos fatos que me pareciam interessantes. Desta maneira, adquiri um acervo de conhecimentos interessantes relacionados com a minha terra natal. Sòmente muito mais tarde, é que soube quanto valiam as preciosidades históricas que então fixei em minha memória, porque, infelizmente, pouco de tudo isso foi fixado em relatos escritos que poderiam ter bastante valor para a posteridade.

Tais reminiscências vieram-me à mente, quando li o interessante artigo do historiador emérito, editor dos "Blumenau em Cadernos", José Ferreira da Silva, publicado no número três, de Março p.p. sob o título "Estimável Cooperação". Despertou a minha memória para uma série de cousas que eu ouvia nas reuniões a que acima me referi, se bem que algumas das citações do ilustre historiador diferem daquilo que eu ouvi em relatos vivos. Não pretendo corrigir o que escreveu meu amigo José Ferreira da Silva; apenas quero relembrar os fatos, como eu os ouvi. E que, o ilustre autor daquele artigo possui documentos, que são as armas poderosas dos historiadores, enquanto eu apenas possuo armazenamento em

minha memória, os sedimentos e resíduos de relatos e de tradições transmitidas pelas gerações passadas às posteriores.

Mexendo nestes resíduos empoeirados, encontro relatos sôbre os primeiros moradores de Gaspar e a presumível época de sua chegada lá. Os três nomes mencionados pelo historiador no citado artigo, quer me parecer que foram os nomes dos três homens encarregados pelos que viriam mais tarde, de explorar as terras da região onde pretendiam fixar-se. Os colonos fixados em São Pedro de Alcântara não tinham nenhum desejo de permanecer numa região montanhosa, de difícil acesso na época, mas não queriam repetir a façanha de virem a localizar-se em locais impróprios para o seu futuro desenvolvimento. Assim, quando ouviram falar das ricas terras do vale do rio Itajaí, e também as do sul do Estado, escolheram vários homens entre êles, para que fossem conhecer essas regiões. Foi assim, que para Gaspar vieram os três homens mencionados no artigo de José Ferreira da Silva. Conhecida a região, logo em seguida vieram mais ou menos vinte famílias, que se fixaram desde o Poço Grande até Belchior. Os Schramm e os Zimmermann fixaram-se no local onde hoje situa-se a cidade Gaspar, os Dechamps foram mais além e fixaram-se no sítio Belchior. No Poço Grande ficaram os Schmitt, Spengler e outros mais. Todas essas famílias possuíam, além de vários filhos, uma numerosa parentagem que as acompanhou ao novo local de residência.

Nicolau Deschamps no Belchior montou uma serraria movida à água, no que êle era perito, porém de pequena produção, o que obrigou a muitos dos outros moradores, serrar madeira à mão. Aliás, foi uma das características do nôvo povoado, que a maioria dos proprietários só residiu em ranchos provisórios até dispôr de madeira serrada para a construção de uma casa melhor. Também fizeram questão de cobrir as suas casas com telhas de barro, o que exigiu a instalação de uma olaria. Os Zimmermann foram pioneiros na fabricação de tijolos e telhas na região de Gaspar. Essas famílias, ao que tudo indica, vieram de São Pedro de Alcântara, os primeiros em 1832 e outros poucos anos mais tarde. O ano de 1832 também foi mencionado pelo historiador frei Estanislau Schaette, como data inicial do povoamento de Gaspar.

Falavam muito, as pessoas a que já me referí, num "francês", morador de Itajaí, o qual, conforme sabiam de seus pais e parentes mais idosos, teria prestado grande ajuda aos imigrantes que de São Pedro de Alcântara vinham para Gaspar. Talvez êsse lendário "francês" tenha sido o Deputado Agostinho Alves Ramos, o qual, na impossibilidade de entender-se com os colonos em portu-

guês, idioma que êstes ainda não conheciam, com êles tenha se entendido em francês, língua que vários dêles falavam.

Sempre também ouvi falar, que os colonos rapidamente progrediram na nova região, tanto na lavoura e nos vários ofícios que conheciam. As terras eram de grande fertilidade e produziam bem, o que possibilitou aos colonos vender muito de sua produção em Itajaí. Os artezãos logo copiaram os engenhos de farinha de mandioca e de açúcar existentes em locais vários do litoral do Estado e passaram a construí-los para os colonos de Gaspar. Assim, quando o Dr. Blumenau se estabeleceu com seus colonos na colônia por êle fundada, os de Gaspar já estavam em condições de fornecer-lhes os gêneros de primeira necessidade para a sobrevivência num local ainda inteiramente virgem. A respeito desses fornecimentos de víveres, muitas vêzes contavam fatos pitorescos. Ao que parece, naquela época remota, costumava chover mais do que acontece agora e o rio quase sempre acusava um nível d'água mais elevado do que o normal. A viagem até Blumenau com canoas bastante carregadas com víveres, era penosa e difícil. Não raras vêzes um ou outro remador caía n'água ou, por uma manobra desajeitada de um deles, uma canoa virava e perdia-se todo o seu carregamento. Se o rio não estava mais correntoso do que de costume, podiam alcançar Blumenau num dia de viagem, mas muitas vêzes a viagem consumia mais de um dia e era preciso pernoitar numa das margens, o que principalmente no inverno era assunto bem desagradável.

Chegando ao "Stadtplatz" de Blumenau, entregavam as suas mercadorias e demoravam-se em conversas com os recém-chegados futuros colonos. Contavam, que o Dr. Blumenau, homem de princípios rígidos, não via com bons olhos êsses contatos entre os "seus" colonos e os de Gaspar. Diziam, que êle achava os de Gaspar muito "verkommen", o que é compreensível em face de seu ainda pouco conhecimento ambiente e por isso ser de todo desconhecedor do desgaste que sofre o pioneiro na mata virgem. Os homens de Gaspar já não usavam mais aquelas roupas trazidas da Europa; vestiam-se de brim grosseiro, como costumam vestir-se os homens que trabalham na lavoura. Foram avisados, os fornecedores de gêneros, de que deveriam fazer as suas entregas na embocadura do ribeirão Garcia e voltar a Gaspar sem maior demora. Isto contrariou muito os pioneiros gasparenses, que já se consideravam bons conhecedores de tudo que diz respeito à vida numa colônia em meio da mata virgem, da maneira de cuidar da lavoura, de construir casa, em fim de tudo que um colono precisa saber e naturalmente queriam ser úteis aos recém-chegados, orien-

tando-os neste sentido. Além disto, sempre gostavam de ouvir dêstes, o que estava acontecendo na velha pátria que haviam deixado há quase trinta anos antes. A resolução do Dr. Blumenau lhes parecia ser a de um homem muito orgulhoso e intratável, por isso retrucaram, que não mais trariam víveres para Blumenau. Se quizessem os de Blumenau comer, que fossem a Gaspar buscar o que precisassem. Em face disto, o Dr. Blumenau logo reconsiderou a ordem e daí em diante nada mais impediu, que os moradores de Gaspar entrassem em contato mais de perto com os novos povoadores. Já pouco mais tarde, diversos homens de Gaspar trabalhavam em Blumenau, mas alguns dêles nunca perdoaram ao Dr. Blumenau de ser "um homem muito orgulhoso". Aliás, foi êste o conceito em que alguns dos moradores mais antigos de Gaspar, muitos das quais eu ainda cheguei a conhecer, tiveram o Dr. Blumenau e nunca se convenceram de que assim não era.

Tudo isto e muitos outros fatos interessantes, sempre eram comentados nas reuniões a que já me referí. Não sei, quanto em tudo isto é lenda e o que se deve considerar verídico, mas creio que a tradição conserva muito daquilo, que mais tarde será considerado como verdade histórica.

Embora tôda a região do município de Gaspar estivesse coberta das matas virgens quando lá chegaram os primeiros povoadores e que essas matas estivessem povoadas de índios, nunca ouvi falar que os selvícolas tivessem molestado os colonos que ali se instalaram. Contavam apenas, que de vez em quando misteriosamente desapareciam alguns utensílios de trabalho ou de uso doméstico, que se ouvia ruidos estranhos nas matas próximas. Corria o boato de que as matas entre Gaspar e a zona onde hoje se encontra a cidade de Brusque, eram densamente povoadas com índios, mas êstes raramente vinham até as proximidades do rio Ifajaí. O que hoje bastante estranho com referência a isto, é que, quando mais ou menos entre 1855 e 1860 a zona hoje conhecida por Gasparinho, situada entre a localidade Gaspar e o morro das Bateias, pico que se eleva na cadeia de montanhas baixas que formam o divisor d'agua entre Gaspar e Brusque, foram localizadas mais de uma centena de famílias tirolezas austríacas e italianas, estas nunca tinham sido molestadas pelos índios. Nunca ouví dizer de qualquer dos velhos moradores daquela zona, que tivessem sofrido algum ataque de índios.

Muito ainda poderia relatar do que guardo na memória, lembranças das conversas entre os "Velhos" que já se foram

para o além, mas o espaço disponível em “Blumenau em CADERNOS”, não me pertence exclusivamente. Assim deixarei alguma coisa para mais tarde contar aos amáveis leitores. Diz-se, que as reminiscências não se perdem na memória das pessoas que amam e veneram os seus torrões natais e dêles não se esquecem mesmo quando os caminhos da vida os conduzem para lugares distantes. Marcos Konder, de saudosa memória, certa ocasião disse: “O torrão natal é nossa pequena Pátria”. Acredito que assim é e mais, que todos aqueles que se esquecem de seu torrão natal, que não sabem ou não querem recordar-se dos fatos a êles ligados, que esquecem dos homens que os moldavam no correr dos tempos porque os acham de categoria social inferior à sua, também são capazes de negar a sua Pátria, especialmente quando ela necessita por êles ser defendida. Blasco Ibãñez, o grande escritor espanhol, a um dos seus romances deu o título “Os Mortos Mandam”. Quando me sento à máquina para escrever estas despreziosas reminiscências, sinto a meu lado a presença de tôdas essas pessoas de quem falo, às quais me refiro embora não lhes mencione os nomes por motivos que já expus nestas colunas. São elas, que me ajudam a lembrar os fatos, que avivam a minha memória e a povoam de novo com fatos e acontecimentos que há muito jazem sob a poeira dos tempos e que nunca foram fixadas em obras escritas. Embora êsses seres desaparecidos há muito não “mandem” em minha vida, não determinem os meus rumos, todavia sempre voltam para perto de mim para soprar-me aos ouvidos, o que fizeram e como influíram na formação dessa pequena, porém, tão encantadora cidadezinha que se chama Gaspar,

Que será da nossa juventude de hoje? É o que muita gente se pergunta diante de certos desatinos que os nossos jovens cometem de vez em quando. A resposta seria: “o mesmo que foi da juventude de ontem”. Sim, porque já em 1888, em julho, um jornal de Blumenau fazia a mesma pergunta depois de narrar o fato de terem alguns rapazes quase que arrasado um circo que aqui se instalara e na ocasião em que o mesmo dava uma função. Alguns rapazes cortaram o pano e outros caíram de pedradas sôbre a armação de sorte que acabaram com o espetáculo. Ontem, como hoje . . . A mocidade ainda é a mesma. E será a mesma amanhã também.

Os Jornais e Revistas de Tijucas

Sebastião Cruz

As ubérrimas terras do vale do Tijucas, como salientou o tijuquense, Almirante Henrique Boiteux, em "Os Municípios de Tijucas Grande e Porto Bello" — Ed. Liv. Central — 1928 — começaram de atrair povoadores procedentes de Porto Bello e de São Miguel, lá pelo ano de 1830 e seguintes, o que veio resultar na emancipação de Tijucas em 1860. Juntamente com o desenvolvimento econômico, manifestou-se o cultural, também em acentuada escala, com Bibliotecas, Bandas de Música, Sociedades Culturais — em especial Dramáticas — e Jornais e Revistas. Observando que o primeiro jornal de Santa Catarina foi **O Catarinense**, que saiu às ruas de Florianópolis no dia 28 de Julho de 1831, em Tijucas o primeiro jornal, **O Campeão** sob a direção de João Barthem, saiu a 7 de Junho de 1885.

Em Tijucas, foram publicados, até hoje, 43 jornais e 2 revistas, conforme relação que segue: -

- 01 - 1885 - O Campeão - 7-6-1885 - João Barthem Jor.
- 02 - 1886 - O Livro Tijucano
- 03 - 1886 - O Juvenil
- 04 - 1886 - Independente
- 05 - 1902 - O Imparcial
- 06 - 1906 - O Tijuquense (1ª. etapa)
- 07 - 1911 - O Tijuquense (2ª. etapa)
- 08 - 1913 - O Conservador
- 09 - 1914 - A Tribuna do Povo
- 10 - 1915 - A Gazeta - 7-3-1915 - Manoel Miranda (Manézinho)
(foi meu Professor)
- 11 - 1915 - A Tesoura
- 12 - 1916 - Jornal de Tijucas
- 13 - 1916 - Gazeta do Comércio
- 14 - 1917 - A Palavra
- 15 - 1918 - A Vanguarda - 12-1-1918 - João Barthem Jor.
- 16 - 1918 - O Abeoy (conf. H. Boiteux) ou o Aboy (conf. "A Notícia" de 1-5-1919 que diz "ter saído Domingo último")
- 17 - 1918 - A Folha Nova - Leal & Cia. (Miguel da Silva Leal; Miguel Ezequiel da Silva (Miguel Angélica) ; Luiz Laus e Arão Marques Firmo) A Folha Nova era dirigida por Odorico Alves, Protázio Leal e Manoel Minego Pereira.
- 18 - 1918 - A Lucta - 14-8-1918 - Guilherme Varella
- 19 - 1918 - O Facão
- 20 - 1918 - O Clarão
- 21 - 1919 - A Notícia - 30-1-1919 - Guilherme Varella
- 22 - 1919 - A Escola (Professôres e alunas do G.E. Cruz e Souza)
- 23 - 1920 - O Ponto

- 24 - 1920 - O Rouxinól (Revista)
- 25 - 1921 - O Tempo - Tip. Brasil
- 26 - 1921 - Brasil Cathólico - 26 - 3 - 1921 - P. Jacob H. Slater
- 27 - 1921 - Almofadinha
- 28 - 1922 - A Nota
- 29 - 1922 - O Espião
- 30 - 1922 - Terra Ideal (Revista)
- 31 - 1924 - Tijuca - 15-I-1924 - Alfredo Flôres
- 32 - 1925 - O Nosso - Dr. João Bayer Filho e Guilherme Varella
- 33 - 1926 - Diario - Dr. João Bayer Filho e Guilherme Varella
- 34 - 1926 - O Momento - 29-II-1926 - Dr. Bayer Filho e G. Varella
- 35 - 1927 - A Paz (conf. consta do Relatório do Dr. Cid Campos da Secretaria do Int. e Justiça - 1927 - Ref. a Biblioteca Pública (anexo 2), onde também consta "O Movimento" que deve ser "O Momento" - iten 34.
- 36 - 1927 - O Correio do Sul (mesma fonte de informação do iten anterior, referente "A Paz".
- 37 - 1928 - O Municipio
- 38 - 1929 - O Tijuquense
- 39 - 1929 - A Comarca - 3I-8-1929 - Dr. Geysa de Bóscoli (o grande teatrólogo, no Rio que foi Promotor Público, em Tijuca - o próprio Dr. Bóscoli costumava dizer que A Comarca morreu do "mal de sete dias", pois saíram só 3 números)
- 40 - 1930 - O Momento - Guilherme Varella e Alvaro Carvalho.
- 41 - 1933 - O Cine Theatro - Sebastião Cruz
- 42 - 1935 - O Binóculo - 17-I-1935 - Silvio Narcizo.
- 43 - 1938 - O Cacique - Altamiro de Oliveira (Miro) e Bento Laus (18-2-1938)
- 44 - 1940 - O Incircunscritível (carnavalesco) A. Oliveira (Miro).
- 45 - 1964 - Tijuquense - 15-3-1964 - Lauro Vieira de Brito

Os informes desta relação foram colhidos em várias fontes, muitas das quais nos próprios jornais, dos quais possuo algumas coleções. Rogo a quem tiver outros, mandar-me para completá-los, o que agradeço.

Os jornais e revistas publicados em Tijuca, como se pode verificar, refletem uma constante cultural, acompanhando o ritmo de progresso, desde a sua emancipação política até 1930, quando se verificou certo atrofiamto das atividades econômicas, sociais e culturais. Não há que negar que os citados órgãos, como o Termômetro, medem o grau de desenvolvimento e progresso de uma comunidade.

O nome do Ribeirão Sarmento, no distrito de Vila Itoupava, provém do de Francisco de Moraes Sarmento, que, aqui, foi escrivão da Comissão de Terras e Colonização e que faleceu no Rio de Janeiro a 14 de setembro de 1888, para onde seguira com licença.

COISAS DA NOSSA TERRA♦♦♦

Charles MÜLLER

Em crônica anterior, fizemos referência a uma antiga ponte, situada nas imediações da Igreja Evangélica, na rua das Palmeiras (hoje Alameda Duque de Caxias), ponte essa que tinha a fama de ser mal-assombrada.

Pois bem. Hoje, vamos narrar um fato desenrolado nas proximidades daquela ponte, e, por coincidência, envolvendo um tema fúnebre.

Dizem que aconteceu mesmo. Pelo menos, testemunhas do fato assim o narraram a pessoas de nossas relações:

Havia morrido um cidadão e o féretro seria conduzido, como de praxe, em carro puxado a cavalos, até o cemitério evangélico.

Até aí tudo normal.

O velório transcorreu dentro daquêle clima de pesar que caracteriza os atos dessa natureza.

Chegada a hora estabelecida para o entêrro, foi o caixão cuidadosamente colocado na caleça e deu-se início ao cortejo.

Eis que, ao trafegar pela Alameda Duque de Caxias, já próximo ao cemitério, um dos cavalos assustou-se, revolteando. Foi o quanto bastou. O caixão foi ao chão, abriu-se e o finado jogado longe.

Espanto geral. Todavia, rápidas providências para reconduzir o morto ao seu caixão colocando o novamente no carro, fizeram com que tudo voltasse rapidamente ao normal.

Mas ficou presente em todos um certo mal-estar originado pelo fato, até então inédito nos anais da nossa história.

E se o contamos aqui, é somente para que fique registrado para a posteridade, mais como uma ocorrência lamentável, do que propriamente como curiosidade.

Coisas da nossa terra . . .

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 3,00 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

Um dos primeiros atos da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, após promulgada a Constituição de 1895, foi a mudança do nome da capital do Estado, Destêrro, que passou a chamar-se Florianópolis, em homenagem a Floriano Peixoto. Hoje cogita-se da volta ao antigo ou a um outro nome que esteja mais ligado às tradições barriga-verdes.

**“A NOSSA TRADIÇÃO VALE
POR UM BOM NEGÓCIO”**

SERVIMOS HÁ 35 ANOS

CALÇANDO BLUMENAU

CALÇADOS ?

PENSE NO LORGUS

Rua 15 de Novembro, 383

Tipografia Centenário Ltda

No ramo a melhor

Rua 15 de Novembro, 1.422

BLUMENAU - Santa Catarina

Carimbos de Borracha REAL Ltda.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

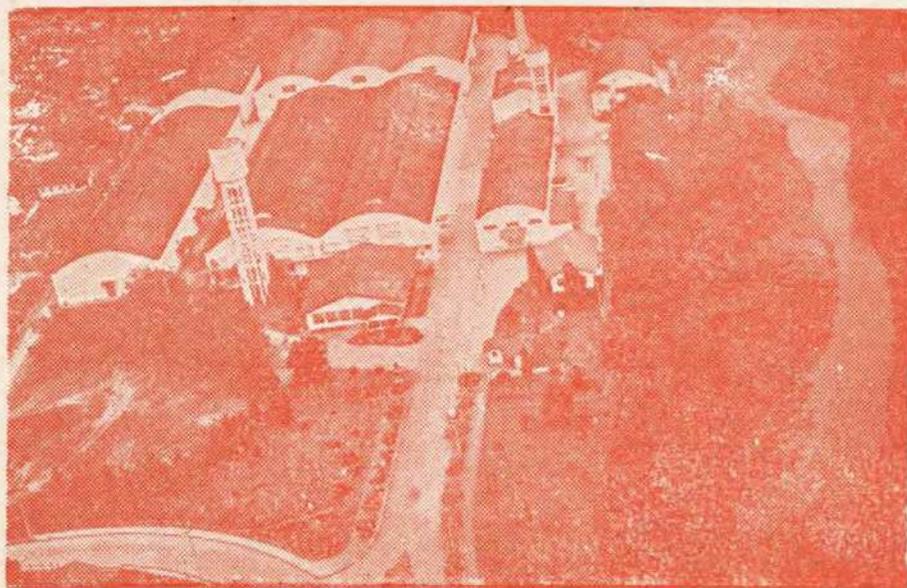
Datadores, Numeradores

Carimbos em Geral,

Tintas e Almofadas.

Rua 15 de Novembro, 1.306

BLUMENAU - SANTA CATARINA



VISTA AÉREA DAS DEPENDÊNCIAS DO DEPARTAMENTO DE
FUMO DA CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ,
SITUADA À RUA AMAZONAS, 2.500.

B L U M E N A U -:- S A N T A C A T A R I N A

